

ARQUÉTIPOS SOB AS LENTES DA NEOCIÊNCIA CONSCIENCIOLÓGICA

Tanise Knakievicz

Resumo: A consciência não tem sexo, quando ressona, nasce ou mulher ou homem. Qual é a função evolutiva para a consciência desse processo biológico? Em busca da resposta a essa questão, os aspectos emocionais, fisiológicos biológicos e psicológicos foram estudados. Neste estudo ambos os paradigmas, o cartesiano e consciencial, foram utilizados na análise da essência arquetípica feminina e masculina na adaptação intrafísica. A partir deste estudo, propõe-se a hipótese de que os arquétipos feminino e masculino são aspectos complementares de uma mesma consciência, enquanto manifesta na intrafiscalidade. Supõe-se que os arquétipos femininos estariam vinculados a percepção e a descrição dos fatores paragenéticos e os arquétipos masculinos aos fatores genéticos da consciência intrafísica.

Palavras-chaves: Psicologia, Mitologia, Seriexologia.

INTRODUÇÃO

Os arquétipos são o primeiro protótipo ou imagem de alguma coisa, são ideias-modelos ou padrões passíveis de serem reproduzidos em simulacros. São representações coletivas dos conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente (Figura 1). Por serem conteúdos inconscientes, os arquétipos são percebidos via projeções personificadas na estrutura narrativa de uma história mitológica. Os arquétipos não existem por si só e consistem de conjuntos de ideias comuns partilhadas entre todas as pessoas existentes no inconsciente, e comprovações residuais da sua existência são encontradas nas imagens e símbolos presentes nas histórias, na literatura, na poesia, na pintura e na religião. Em síntese, as ideias mitológicas dizem respeito à percepção do funcionamento dos instintos modeladores do comportamento desde a origem da espécie humana (ESTES, 1994; JUNG, 2000; JUNG, 2009; CARNEIRO, 2010; SILVA, 2014).



Figura 1. **Arquétipos, mitos e estereótipos.** Os arquétipos guiam comportamentos. Os estereótipos estabelecem-se por meio de comportamentos que se reproduzem de maneira fixa, inalterável, contudo podem ser percebidos através do autoconhecimento e, então, desafiados através da compreensão do que são os arquétipos.

Proponho neste estudo a hipótese que os arquétipos, do ponto de vista interparadigmático, são artefatos perceptivos da interação consciência/soma. A força dos arquétipos, devido a sua natureza projetiva, é proporcional a intensidade do autodesconhecimento. O autoconhecimento liberta a consciência dos medos que os mitos visam proteger, paradoxalmente fomentando-os. Assim, os mitos, mais do que simples lendas, podem fornecer uma descrição, um mapa dos andaimes coletivos da construção/evolução consciencial individual. A compreensão multidimensional da natureza neurofisiológica e consciencial humana podem contribuir para solucionar conflitos intrapessoais e interpessoais e consequentemente à construção de um mundo seguro e pacífico.

Visando demonstrar essa hipótese, este estudo foi estruturado em 3 atos. O primeiro ato apresenta a origem dos questionamentos acerca da função evolutiva da ressonância em ginossoma ou em androssoma, e seus pressupostos teóricos. No segundo ato sumário os conhecimentos do paradigma convencional acerca dos arquétipos. No terceiro ato analiso comparativamente a essência arquetípica feminina e masculina sob diversas lentes teóricas (prismas conceituais), visando alcançar o paradigma consciencial. E por último apresento as pontes interparadigmáticas deste estudo.

Não acredite em nada, nem mesmo nas suposições, hipóteses e deduções apresentadas aqui. O inteligente é fazer pesquisas pessoais, repetidas e autocríticas sobre qualquer tema, em especial sobre mitos e serialidade.

1. A AUTOPESQUISA E A SERIEIXALIDADE

“Um dos maiores benefícios que se pode fazer por uma criança é levá-la a investigar na sua própria maneira de pensar”

Um dos maiores desafios científicos é a autopesquisa, o estudo da consciência humana por si mesma, além da percepção biológica ou intrafísica. Como perceber e registrar fatos que ultrapassam as fronteiras do tempo entre o nascer e o morrer? Como saber se tais fatos realmente existem? As questões sobre a sexualidade, os papéis sociais, os gêneros culturais podem revelar muito sobre a natureza consciencial e as experiências seriexológicas. Estas variáveis apresentam-se enredadas na complexidade da memória e da imaginação humana, contudo são passíveis de serem estudadas, desde que se tenha um método de percepção, observação e registro de dados.

Um fato observado e não registrado, é como se não existisse, no paradigma científico. Assim, o registro dos fenômenos vividos são desafios pessoais instigantes, mesmo que parciais e fragmentados. Desde os 12 anos de idade, tenho o hábito de registrar em diários as memórias de projeções e também o passo a passo de reflexões, na tentativa de solucionar as questões do cotidiano. Em 2003, conheci o paradigma consciencial, e passei a conhecer técnicas e métodos de autopesquisas, aos quais contribuíram para a percepção, coleta e análise destes fragmentos de memórias, pequenas peças de um quebra-cabeça multidimensional, aumentando quanti e qualitativamente esses *insights* retrocognitivos.

As observações quanto ao comportamento, temperamento, talentos e estilo de vida forneceram dados concretos (a ponta do iceberg), enquanto que os fragmentos das lembranças das projeções revelavam aspecto do inconsciente (a parte submersa do iceberg), ou seja, as relíquias pararqueológicas que transcendem a existência biológica. Assim, a partir destes autoestudos, deduzi que possivelmente vivi, em vidas anteriores, em soma masculino (androssoma) e também em soma feminino (ginossoma) linearmente distribuídas ao longo de tempo (Figura 2).



Figura 2. Série existencial hipotética. A partir das anotações de reflexão das experiências vivenciais, dos *insights* retrocognitivos, do autoestudo do temperamento, dos aportes proexológicos, e do estudo de biografias, estabeleci uma série proexológica presumível para mim, a ser investigada com os dados que a vida traz, revela, ao ser vivida.

Cabe informar que não é objetivo deste artigo investigar a série existencial hipotética, mas a partir dela objetiva-se estudar, argumentar, buscar esclarecer

o porquê, qual é a função evolutiva de ora se nascer mulher e ora se nascer homem. Se a consciência, não tem sexo, ela é a mesma se ressomada em uma androssoma ou no ginossoma, e então o que muda? Qual é o papel evolutivo para a consciência da sexualidade intrafísica? O ponto de partida é o estudo das emoções e seguido do estudo dos arquétipos.

1.1. O papel central e centralizador das emoções

As emoções têm um papel preponderante na vida, conferindo cores suaves ou intensas às vivências. Platão considerava que as emoções eram um obstáculo à obtenção do saber, e que Deus ao criar o homem, primeiro criou o raciocínio e depois foi forçado a criar um corpo com as paixões para a adaptação à vida cotidiana. Assim, segundo Platão, o homem é composto de um lado divino, a razão (Deus) e outro animal, emocional (diabo). A partir destas ideias, mitos e lendas foram descritos para relatar a luta mitológica da cabeça dotada de razão versus o corpo carregado de instintos animais, acreditando-se que era possível descartar, extinguir as emoções. Inspirados nas ideias platônicas, filósofos medievais cristãos, denegriam as emoções, culpando-as por desejos e pecados, e enfatizaram a educação como meio de suplantar a natureza biológica humana (ALVARENGA, 2007) (Figura 2). O pior pecado cristão medieval, segundo a descrição do inferno de Dante, era a desobediência aos costumes (DANTE, 1989). A relação dramática entre emoção e razão, entre obediência e rebeldia e entre extinção e sobrevivência nos primórdios da civilização humana é mostrada de modo bem humorado na animação “os Croods”; (CROODS, 2013).

Hoje, por meio das investigações científicas nas áreas da Psicologia e da Neurociência, sabe-se que as emoções são os pilares que sustentam a razão (RAMACHANDRAN, 2014). Os processos cognitivos envolvem mecanismos de processamentos dependente do funcionamento adequado das emoções. A emoção guia a cognição consciente ou inconscientemente. (Figura 3).

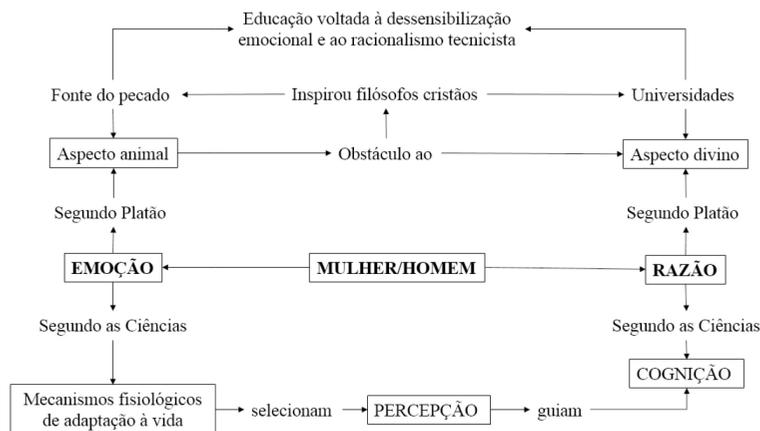


Figura 3. Esquema ilustrativo da relação entre Emoção/Razão, a partir da filosofia de Platão (na parte superior) e a partir das Ciências contemporâneas (na parte inferior).

As atividades mentais de atenção, percepção, pensamento, julgamento, curiosidade, memórias e lembranças são processadas com a participação do centro emocional cerebral. Os sentimentos determinam a percepção, selecionando o que se conhece (ALVARENGA, 2007; DAVIDSON; EGLEY, 2013; RAMACHANDRAN, 2014). Assim, as ações são fruto do raciocínio lógico a partir da parcela do que é percebido durante um evento.

Esses conhecimentos da neurociência podem contribuir para desestigmatização da concepção filosófica de Platão sobre as emoções. As ações das pessoas são em direção de encontrar ou manter um estado emocional específico básico (estado prazeroso particular), entretanto, o estado emocional ótimo pode ser mudado, se assim for desejado. A tomada de decisão é mais complexa do que uma simples harmonia emocional, pois é a resultante de avaliações multifatoriais conscientes ou inconscientes que incluem emoções, valores, princípios, motivações, conhecimentos, habilidades e competências.

1.2. A Origem do Esquema Psicológico do Abandono

“A educação deve formar seres aptos para governar a si mesmos e não para ser governados pelos outros.”

Herbert Spencer

As emoções básicas negativas, tais como tristeza, raiva, medo, evoluíram de um sistema primitivo que mediava o sofrimento causado pela dor, podendo ativar a tristeza e produzir raiva (LUSKIN; PELLETIER, 2008).

A tristeza e a raiva podem ser pensadas como conjuntos adaptativos; a tristeza apela para a ajuda de outro, o socorro (não mobiliza energia); a raiva mobiliza energia para atuar, resolver a situação criada, agredir, afastar o possível produtor da emoção, ou seja, o oposto do que ocorre durante a tristeza (ALVARENGA, 2007).

Esses mecanismos emocionais são preponderantes na fase de maior vulnerabilidade humana, o início da vida. Os bebês na espécie *Homo sapiens sapiens* nascem imaturos e necessitam de cuidados no início da vida dos parentais para protegê-los e sobreviverem. Assim, o mecanismo de cuidado parental foi selecionado evolutivamente para ter alta eficiência (BURNHAM; PHELAN, 2002; CRAIG; HALTON, 2009). Para tanto, durante a gestação ocorrem mudanças neurológicas irreversíveis nos cérebros das mulheres, para garantir que a partir de então priorizarão o cuidado filial para o resto de suas vidas, e os bebês respondem pronta e intensamente a estímulos estressantes, e em compensação o leite materno é um

rico em oxitocina, o qual proporciona recompensas fisiológicas prazerosas. Assim, o vínculo mãe-filho está fortemente estruturado em bases neurofisiológicas (HALL, 2011).

Adultos que quando bebês ou crianças experimentaram continuadas ligações inseguras com os pais/cuidadores podem vir a expressar mais emoções negativas, raiva e tristeza, e menor quantidade de emoções agradáveis ou positivas, alegria e brincadeiras. Mas, paradoxalmente, mães biologicamente muito eficientes, superprotetoras, podem manter seus filhos crianças por mais tempo (Figura 4), pois ao protegerem sua prole de enfrentarem situações inéditas por si mesmas, as inibem de crescerem intelectualmente. Assim estas ligações sócio-emocionais iniciais entre mãe ou cuidadores e filhos marcam e influenciam os sistemas emocionais das pessoas (ALVARENGA, 2007).

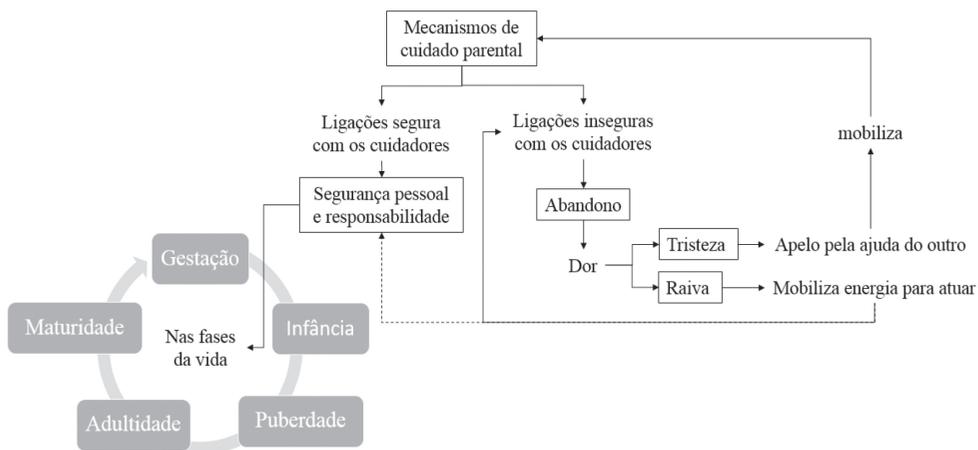


Figura 4. **Mecanismos de cuidado parental.** O abandono, sentido tal dor física, pode produzir tristeza e/ou raiva. A linha pontilhada indica que esse fluxo é dependente muito mais de aspectos conscienciais do que de aspectos biológicos e sócioambientais.

Devido às pressões existentes nos processos cíclicos fisiológicos, como a fome, sede, fadiga, libido sexual, dano ou dor; emoções são desencadeadas e levam ou forçam o indivíduo a praticar ações adaptativas. Os androssomas são mais predispostos a partir da dor, mobilizar energia para atuar, ou seja, lutar ou defender-se; enquanto os ginossomas são mais propensos nas situações de dor, apelar pela ajuda dos outros, ou seja, chorar ou queixar-se. Assim, abrem-se janelas específicas à aprendizagem com estes dois tipos rotinas neurofisiológicas, distintas. É provável que a qualidade da herança genética e dos cuidados parentais influencia, contudo, não determinam a saúde emocional das pessoas. Neste estudo, assume-se a premissa

de que a saúde psíquica tem forte correlação com habilidades e caracteres intrínsecas de cada consciência, ou seja, a vida interior, além da natureza biológica.

2. A VIDA INTERIOR

“A dívida que temos com o jogo da imaginação é incalculável.”

Carl Jung

Uma vez atendidas as necessidades fisiológicas imediatas, então, há espaço para a percepção da vida interior, sofre-se diante do que não se compreende ou não se aceita. O drama interno e inconsciente da alma é apreendido através da projeção espelhada nos fenômenos da natureza e nas relações com outras pessoas, em especial como os pais. Pela dificuldade de identificação do que é o centro da vida interior, foram necessários vários milênios de civilização para desligá-la da projeção de seu objeto exterior, a qual só começou a acontecer por meio da identificação dos arquétipos (CAMPBELL, 1990; JUNG 2000).

Os arquétipos são os agentes nucleares dos mitos. Os mitos parecem revelar a história da alma, e simultaneamente, a esconder em uma névoa de mistérios. Assim, os mitos precisam de interpretações, traduções, complementações para fazer sentido, sendo uma aproximação da realidade da alma (CAMPBELL, 1990). Segundo Jung, devido ao fato do processo de percepção da alma via projeção ser inconsciente, o homem pensou em tudo, menos na imaginação, para explicar os mitos (JUNG, 2000). Assim pode-se supor que, a mitologia e os seus arquétipos retratam fragmentos da busca por compreensão das percepções da vida interior, a vida da alma.

A mitologia está alicerçada nas relações humanas com a natureza e com as pessoas, e fornece um roteiro de experiência no plano puramente físico de estar vivo que tenha ressonância no interior do ser e da realidade mais íntima, de modo que realmente sinta-se estar vivo (CAMPBELL, 1990). A mitologia é capaz de capturar o raciocínio em sua teia de deduções (Figura 5). O que os mitos fizeram e/ou ainda poderão fazer na construção das estruturas sociais humanas? Qual o nível de sabedoria necessário para transpor-se para além dos conflitos entre ilusão e verdade? A questão primordial desta época é descobrir um modo de libertar-se da matriz dos mitos, por meio de uma faxina nas crenças via estudo das projeções (BRADEN, 2008).

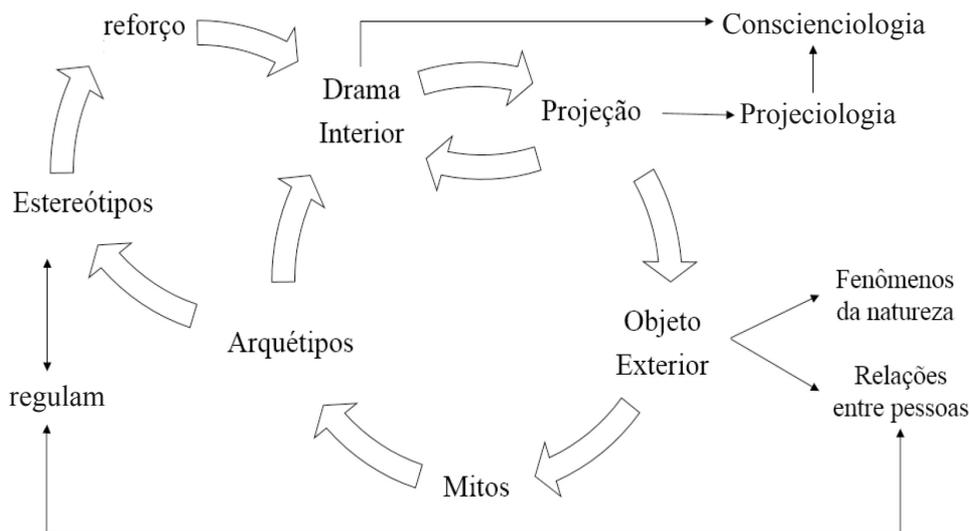


Figura 5. **Ciclo dos mitos.** O drama interior é percebido pela projeção¹ num objeto externo. Tal projeção tem uma narrativa, uma estória, uma fábula, um mito, assim apresenta os arquétipos. Os arquétipos guiam comportamentos, intensificando o drama interior da alma, consolidando uma crença. O estudo da alma via Projeziologia² liberta a consciência da dependência dos mitos e seus arquétipos, e promove novos comportamentos.

Se o universo é um espelho para as crenças elaboradas a partir das emoções, pessoas com raiva nunca poderão criar um mundo pacífico (BRADEN, 2008), a não ser que as defesas pacíficas sejam construídas em suas mentes (DELORS, 2010). Sabe-se que o aviltamento à dignidade alheia ultraja a própria dignidade, e que a agressão ou desrespeito a própria dignidade ofende a todos (HICKS, 2013; LOPES, 2015), a autoconscientização individual da própria origem da dor (tristeza ou raiva) é uma oportunidade de cura dos conflitos coletivos e das relações sociais.

1 Em psicologia, a projeção consiste em atribuir a outros as ideias e tendências que o sujeito não pode admitir como suas, e é um mecanismo de defesa do ego, inconsciente e involuntário. Também conhecido por projeção Freudiana, a projeção tem por função proteger e defender o ego das ameaças emocionais ou de sentimentos inaceitáveis. Logo, é muito difícil alguém aceitar a possibilidade de projetar.

2 A Projeziologia é um subcampo ou especialidade da ciência Conscienciologia, que estuda as projeções da consciência para fora do corpo físico, ou seja, as ações da consciência (ego, self ou personalidade humana) em dimensões não físicas, livre do restringimento do corpo biológico. A ciência Projeziologia também investiga outros fenômenos projeziológicos, tais como: bilocação, clarividência, experiência de quase-morte (EQM), intuição, precognição, retrocognição, telepatia, entre outros. O termo projeziologia vem do Latim, *projectio*, projeção e do Grego, *logos*, tratado.

2.1. A separação cultural entre a *anima* e o *animus*

*“Todo o nosso descontentamento por aquilo
que nos falta procede da nossa falta de
gratidão por aquilo que temos.”*

Daniel Defoe

A continuidade cultural está relacionada à incapacidade de as crianças cuidarem de si próprias. Os hábitos são aprendidos por imitação consciente ou inconsciente. A socialização, processo de compartilhamento de hábitos por meio da educação, aumenta enormemente a eficiência das pessoas, à medida que otimiza atividades rotineiras (CARNEIRO 2010; DUHIGG, 2012; KIRWAN, 2015).

O reforço contínuo das rotinas já estabelecidas, a automimese³, torna o hábito um Deus todo poderoso, onipresente e determinista do destino de modo irremediável pela soma das ações cotidianas invisíveis e autônomas (DUHIGG, 2012). Os hábitos e vossa onnipresença e imortalidade dependem da manutenção dos comportamentos, resultantes da capacidade humana de imitar, copiar ou reproduzir qualquer padrão ou reação (KIRWAN, 2015). Quanto mais eficiente a mente (*animus*) em aprender por imitação, maior a inflexibilidade de hábitos e costumes, mais forte a tradição. A força da tradição poderia inibir a expressão das subjetividades, da alma (*anima*) criando a sensação de ruptura e conflito entre a percepção interna e a adaptação intrafísica? Essa seria a origem da sensação de separação entre *anima* (alma) e do *animus* (mente)?

Uma primeira provável vivência de falta, abandono ou dor; pode ocorrer pela perda de lucidez durante o processo de desenvolvimento embrionário, e a segunda vivência pode ocorrer durante o parto, onde o bebê se separa da mãe. E assim, a vida segue em sucessivas separações; *i.e.*, distanciamentos, perdas afetivas, esquecimento do propósito existencial; que reforçam a sensação de abandono, a necessidade de encontrar algo importante para ser feliz, completo ou coerente entre as ações de “perceber/ver” e “querer/fazer”. Essa “gap” ou esse “ponto cego” entre o percebido e o real tem importantes consequências nas interações sociais.

2.2. Desequilíbrio entre os polos arquetípico feminino e masculino

*“Espelho: reflexos mortos”
(VIEIRA 1996, p. 50)*

A organização social hierárquica, militarista, capitalista e industrialista, segundo o sistema do dominador, promove a dominação exploradora e antiecológica.

3 A automimese dispensável, a *mesmice*, é a repetição desnecessária de experiências vividas em existências intrafísicas anteriores, podendo ser consciente ou inconsciente, sendo, a rigor, antievolutiva. Enquanto que a automimese necessária são as rotinas essenciais à realização de novas aprendizagens e/ou à consolidação de tarefas intrafísicas.

O protótipo básico de todas essas formas de exploração é a dominação patriarcal de mulheres por homens (CAPRA, 1996). Pois, a sociedade até então vivia unilateralmente no polo arquetípico masculino através de ações centradas em rotinas e desempenhos; as habilidades femininas arquetípicas, tais como a motivação, a solidariedade, a autoconsciência, o lazer, o movimento cíclico ou a intuição, foram negligenciadas, e assim, hoje estão desconhecidas ou imaturas (DAHLKE, 2011). O que é bom, ou saudável, é um equilíbrio dinâmico; o que é mau, ou insalubre, é o desequilíbrio — a ênfase excessiva em uma das tendências em detrimento da outra (CAPRA, 1996).

Desconhecidos os arquétipos masculinos ou femininos, estes podem influenciar homens e mulheres contemporâneas em seu modo de sentir, ser e agir, tanto quanto influenciou as sociedades pré-científicas. Os homens são influenciados pelos arquétipos femininos, através da projeção nas mulheres pelas quais são atraídos ou pelas quais se sentem fortemente provocados (SILVA, 2014), assim vivenciando-os como se fossem exteriores a si próprios. Do mesmo modo mulheres são influenciadas pelos arquétipos masculinos por meio dos processos de adaptação aos costumes e tradições sociais. Nas sociedades patológicas ou imaturas, a *anima* expressa-se não como uma virtude, mas sim como um equívoco. Portanto, nestes grupos sociais, o sexo feminino suscita nos homens medo, aversão ou raiva devido à projeção da *anima* imatura, abandonada e reprimida. Os sentimentos desencadeados por essas projeções da *anima* podem ser uma das causas das violências contra as mulheres (JUNG, 2000).

O sentimentalismo é um eco da violência, não havendo uma disjunção entre a violência simbólica e a física (CAMPBELL, 1990). Muitos comerciais de TV no Brasil, em especial os de cerveja, ilustram performances da violência simbólica contra as mulheres (BENTO, 2007). Ao tratar a mulher (*anima*) como se fosse um objeto comprável (*cerveja*), as crenças da superioridade masculina (*materialidade*) e da subordinação servil das mulheres (*espiritualidade*) são reforçadas. Nestes cenários, tanto mulheres quanto os sentimentos e a espiritualidade são reduzidos a objetos de consumo, tentam induzir que os ideais, as motivações e o propósito da vida podem ser comercializáveis ou compráveis para obter sensações de prazer. Em média as pessoas sintonizam com tais cenas, revelando o nível de imaturidade da sociedade contemporânea neste início de século XXI.

Há uma antiga associação entre mulher e natureza, feminismo e ecologia (CAPRA, 1996). Segundo Clarissa Pinkola Éstes; a pilhagem, a redução do espaço e o esmagamento das florestas é o reflexo da incompreensão da natureza arquetípica feminina. Durante longos períodos, a *anima* foi mal gerida e relegada às regiões mais pobres da psique, à semelhança da fauna silvestre e das florestas virgens. As habilidades arquetípicas femininas, no processo civilizatório, foram reprimidas e seus ciclos naturais transformados à força em ritmos artificiais para atender

aos tradicionalismos culturais de modo semelhante ao que a sociedade tecnicista vem fazendo com os recursos naturais (ÉSTES, 1994).

Não é tão difícil compreender por que as velhas florestas e as mulheres velhas não são consideradas reservas de grande importância. Não há tanto mistério nisso. Não é coincidência que os lobos e coiotes, os ursos e as mulheres rebeldes tenham reputações semelhantes. Todos eles compartilham arquétipos instintivos que se relacionam entre si e, por isso, têm a reputação equivocada de serem cruéis, inatamente perigosos, além de vorazes (ESTÉS, 1994)

Os tradicionalismos que cultivam um arquétipo feminino fraco e submisso espelham o trauma da perda da lucidez durante o desenvolvimento embrionário, e assim permanecem em retroalimentação? O estado cíclico das automimeses desnecessárias mantém as tradições sociais anacrônicas gerando a dificuldade em lidar com a autolucidez? Como se libertar dos grilhões do arquétipo-feminino (*anima*) submisso à materialidade (*animus*)? A chave para a liberdade pode ser via a gratidão aos tradicionalismos culturais? Conhecer a estrutura cultural, psíquica e bioquímica dos arquétipos de base tanto femininos quanto masculinos poderia contribuir para a libertação destes?

2.3. Arquétipo e a sua Sombra

Utopia: pegar arco-íris.
(VIEIRA 1996, p. 152)

O arquétipo, devido a sua estrutura projetiva, apresenta um aspecto sombra. A sombra se refere ao que foi ou é reprimido durante a história de uma pessoa, ou o mal, patológico e suicida que pode existir dentro de cada pessoa ou somente àquilo que não é aceito no meio cultural (JUNG, 2000). Assim, o autoconhecimento, num primeiro passo aumenta a percepção da sombra, pois aspectos da personalidade não aceitos, comportamentos, hábitos, afetos ou desafetos com a autopesquisa passam a ser percebidos com maior nitidez. A sombra é um aspecto inaceitável e rejeitado pela própria consciência devido à percepção parcial e dos filtros culturais, contudo nem sempre a sombra refere-se aos aspectos nosográficos, pois talentos conscienciais e habilidades homeostáticas, em algumas tradições culturais, podem não ser aceitos, por exemplo, o universalismo nas sociedades etnocêntricas⁴.

4 **Etnocentrismo:** visão de mundo característica de quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais.

A humanidade, traumatizada pelas consequências da projeção coletiva da sua própria sombra ao exterior, criou em abundância imagens poderosas para proteger-se magicamente contra as coisas abissais da alma, assustadoramente vivas (JUNG, 2000). Essas imagens protetoras e curativas, advindas da psique foram expelidas para o espaço cósmico, tais como anjos, santos, santas, deuses e deusas, as imagens sagradas de diversas religiões. Mas, o ensinamento tribal é sagrado e perigoso, pois se afasta da experiência individual e personifica imagens e projeções transmitidas pela tradição, as quais passam a desempenhar a função de atrair, convencer, fascinar e subjugar e previnem a experiência direta com a própria espiritualidade e/ou subjetividade. Esse sistema de imagens formou um sistema abrangente de pensamentos ordenadores do mundo personificados por instituições chamadas de Igreja (JUNG, 2000).

Por meio das reflexões feitas até aqui, apresento 2 hipóteses para explicar o porquê da (in)visibilidade e (in)fluência dos arquétipos nas sociedades judaico-cristãs até hoje.

Primeira hipótese: O medo da perda de lucidez vividos no processo embrionário seria o motivo do apego à crença de que a única chance de integridade da alma é em outro mundo.

Segunda hipótese: Os instintos de proteção à vida seriam a cola das religiões centradas em um arquétipo masculino superprotetor, autoritário, onipresente, desvinculado de um arquétipo feminino submisso, piedoso, fraco e ausente.

3. ARQUÉTIPOS SOB AS LENTES DA NEOCIÊNCIA CONSCIENCIOLOGIA

As descobertas científicas têm auxiliado na busca de autoconhecimento fornecendo recursos para a identificação e o reconhecimento da essência íntima, individual e personalíssima da natureza do autopesquisador. O conhecimento e o método científicos propiciam um mergulho seguro e objetivo na materialidade, ao contrário do que se supunha, tem contribuído para a expansão dos estudos sobre a subjetividade, espiritualidade e autoconsciencialidade humana (CAMPBELL, 1990; REVONSUO, 2010; SHELDRAKE, 2014). A partir da expansão do paradigma científico além do materialismo (SHELDRAKE, 2014), incluindo a alma como objeto de estudo científico, tal como proposto no paradigma consciencial (VIEIRA, 1994), é possível fazer uma releitura dos arquétipos por um novo prisma de análise. Pois, a neociência Conscienciologia desloca o cerne dos dramas humanos da epiderme alheia para o real foco gerador do reflexo dentro de si mesmo, promovendo o reencontro da pessoa consigo mesma (VIEIRA, 1994; 2012; 2014), (Figura 6).

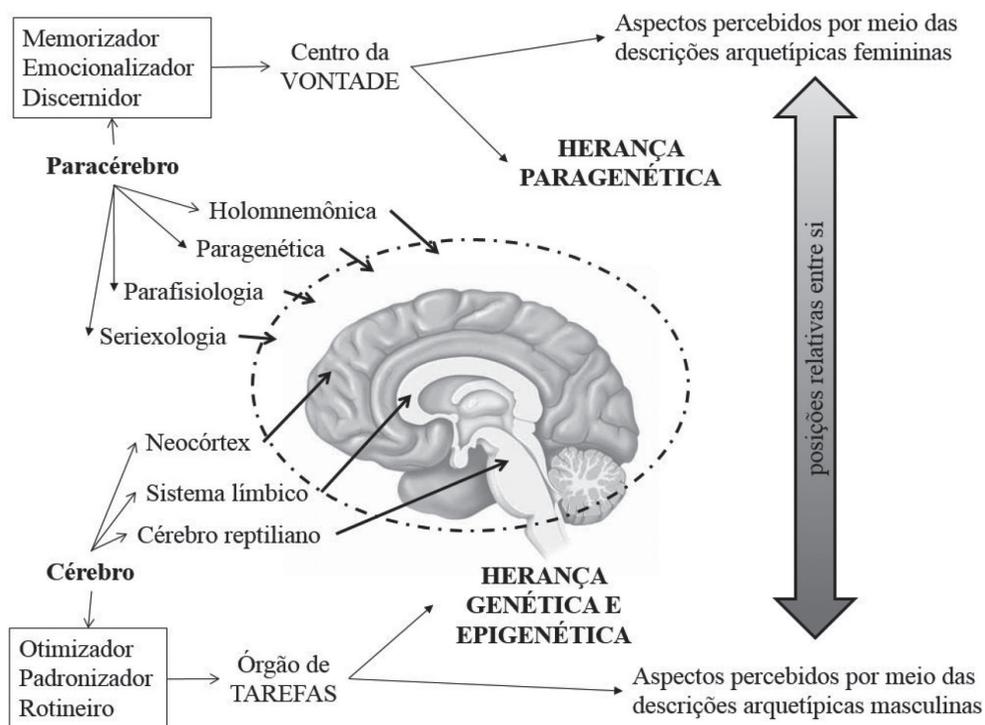


Figura 6. Heranças paragenética e genética e a associação com arquétipos
(Fonte: Adaptação de Knakiewicz, 2015a).

Na sociedade científica tecnológica contemporânea, as informações advindas da Fisiologia, da Neurofisiologia, da Psicologia e da Conscienciologia substituiriam às explicações dadas pelos mitos e contos de fadas do mundo medieval? Essas ciências elucidam o que os sábios antigos buscavam fazer por meio dos mitos? A função educativa e elucidativa dos mitos medievais pode ser realizada pela multidisciplinaridade científica contemporânea?

3.1. Análises arquetípicas multifocais – prisma psicológico e prisma consciencial

O paradigma consciencial aumenta em muito as variáveis de análise de uma dada característica pessoal, pois inclui além dos fatores genéticos e epigenéticos, os paragenéticos. Os caracteres paragenéticos podem ser investigados por meio do estudo do histórico multiexistencial, dos traços de temperamentos, das constelações familiares e sociais. Assim, para a releitura dos arquétipos a partir do paradigma consciencial, 5 níveis de percepção entre espiritualidade/materialidade, *anima/animus* foram propostos.

Nesta análise, os arquétipos femininos e masculinos foram despídos da

narrativa mitológica (Figura 1), visando identificar a sua essência básica, o seu elemento núcleo organizador, a *anima* e o *animus*, respetivamente (Figura 6). Os 5 quadros a seguir apresentam o resultado preliminar desse trabalho de garimpagem da “pedra filosofal mitológica⁵”. Os elementos extraídos desta garimpagem foram classificados em 5 diferentes focos de percepção da interação consciência-matéria. Da percepção por lentes biológicas (Quadro 1), pelo prisma emocional (Quadro 2), cognitivo (Quadro 3), psicológico (Quadro 4), ao prisma consciencial – o qual trata da percepção dos arquétipos além dos veículos de manifestação intrafísica (Quadro 5).

Cabe esclarecer que os aspectos percebidos por meio das descrições arquétípicas têm carácter bipolar relativo⁶ aos polos feminino e masculino, e não absoluto, por serem dependentes dos diferentes níveis de intrafiscalização da manifestação consciencial. *Anima* e *animus* são interdependentes entre si, e apresentam posições relativas opostas (feminina ou masculina) respectivamente, em cada prisma de percepção. Cada quadro refere-se a um aspecto específico da manifestação consciencial. Por exemplo, os caracteres biológicos aproximam-se do polo arquétípico *animus* (matéria/mente) como um todo, entretanto mesmo assim é possível distinguir características chaves entre a expressão da energia yin (feminino) e yang (masculino)⁷, (ver Quadro 1).

Quadro 1. Descrição perceptiva entre *anima* (alma⁸) e o *animus* (mente), relativa ao prisma biológico.

Foco orgânico	<i>Anima</i>	<i>Animus</i>
Energético	Yin (escuro, feminino, passivo, inércia, suave, cíclico, receptivo, negativo, frio, úmido, maléfico, interior, contração)	Yang (claro, masculino, ativo, dinâmico, força, linear, projetivo, positivo, quente, seco, benéfico, exterior, expansão)
Biológico	É algo que emerge a vida, vive por si mesma e que faz viver.	A força vital biológica, finita e temporal.
Sexual	Fêmea	Macho

5 **Pedra filosofal:** objeto ou substância lendária com poderes incríveis, capaz de transformar qualquer metal em ouro e também poderia ser usada para criar o Elixir da Vida, o objeto de pesquisa da Alquimia, uma ciência mística. Em termos teóricos, com a pedra filosofal, era possível obter riqueza infinita e juventude eterna. “Pedra filosofal mitológica” faz uma analogia da Alquimia com a Mitologia.

6 **Caráter bipolar relativo:** refere aos lados opostos (feminino e masculino) do objeto em análise quanto à expressão/manifestação arquétípica.

7 **Energia Yin e Yang:** são palavras do taoísmo chinês que designam a dualidade energética, com princípios opostos e complementares, contendo a semente um do outro. Ao mesmo tempo que um elemento produz o outro, eles também se anulam, conforme o princípio do equilíbrio.

8 **Alma:** não no sentido religioso, mas no sentido latino da palavra, “aquilo que empresta movimento a algo”.

Orgânico	Timo: palavra grega <i>thumós</i> (alma, espírito, afetividade, emoção, coração).	Cerebelo (força física).
Material	“pneuma” tendo o duplo significado de vento e espírito	A terra, a mais alta representação de materialidade.
De gênero	Feminino	Masculino
Límbico	A deixa do loop do hábito	A rotina do loop do hábito
Protetivo	Base, chão, princípios.	Teto, limites, leis, ordem.
Eróticos	Beleza e juventude (Harmonia, equilíbrio).	Força e inteligência (Agilidade, Vitalidade).

(Fonte: BORGES, 2005; CAMPBELL, 1990; CARNEIRO, 2010; DUHIGG, 2012; ESTES, 1994; JUNG, 2000; MOORE; GILLETTE, 1993; KNAKIEVICZ, 2015a; TEIXEIRA et al, 2014).

O Quadro 2 descreve aspectos da natureza cultural humana, relativos aos impactos das emoções na percepção do cotidiano. Os caracteres emocionais localizam-se no polo arquetípico feminino em relação aos caracteres orgânicos, instintivos ou biológicos (Quadro 1). Entretanto, os caracteres emocionais apresentam carácter arquetípico mais masculino em relação aos caracteres cognitivos (Quadro 3). Por exemplo, a afeto incondicional é a expressão de memórias afetivas de origem inata em vivências em ressonâncias prévias e afeto condicional é o aprendido pela cultura e mesologia na ressonância atual, classificados em *anima* e a *animus*, respectivamente (Quadro 2).

Quadro 2. Descrição perceptiva entre alma e mente; relativa ao prisma emocional.

Foco emocional	<i>Anima</i>	<i>Animus</i>
Mitológico	A Loba. A velha dos ossos. A que tudo sabe. Mulher selvagem. A BabaYaga. Deusa-mãe. A Rainha. A Princesa, A Bruxa. Lilith, Eva. Madalena. Maria.	O rei, O guerreiro. O mago. O amante. Deus-pai. O Rei. O Príncipe. O Mago. O Barba Azul. Zeus, Pai, Espírito Santo, Filho.
Emocional	Tristeza, Felicidade.	Raiva, Euforia.
Motivacional	Os desejos, os pecados, os instintos animais, os anseios evolutivos. Ânsia por novidade - a busca da consciência.	A razão, a tradição, os rituais, a moral e os costumes, a disciplina. Movida por padrões - a busca da ordem
Afetivo	Afeto (raiva ou amor) incondicional.	Afeto (raiva ou amor) condicional.
Social	Suavidade. Elegância. Discrição.	Seriedade. Respeito. Segurança.

(Fonte: CAMPBELL, 1990; CARNEIRO, 2010; ESTES, 1994; JUNG, 2000; MOORE; GILLETTE, 1993; TEIXEIRA et al, 2014).

No estudo dos mitos e ao dissecar os estereótipos, é possível perceber que muitos deles compartilham ou aproximam-se da mesma essência ou propósito. Percebo que os mitos parecem ter a função de fornecer um anteparo às projeções da alma, e assim, deslocá-las da epiderme alheia para um lugar neutro. Através do mito, pode-se vislumbrar nuances da própria alma de um modo impessoal, abrandando a busca por culpados pela imaturidade ou irresponsabilidade pessoal. Contudo, o mito pode aprisionar a alma neste lugar mágico que é a imaginação. A imaginação sustenta-se nas emoções; e o mito para manter-se precisa alimentar-se de emoções cada vez mais consistentes e intensas. Talvez por isso, a cada reprise dos contos de fadas, a indústria cinematográfica cria vilões mais violentos e monstros mais assustadores. Isso seria um tipo de armadilha ou de grades de proteção contra as imaturidades da alma humana? Fortes emoções, cada vez mais intensas, protegem quem de quem? Com que propósito? Existem alternativas cosmoéticas a essas rotas de fuga por projeção ou por imaginação? No território emocional, os tons e sons são dramáticos, naturalmente.

O quadro 3 descreve percepções relativas e opostas da natureza racional/cognitiva humana. As habilidades cognitivas são vinculadas à expressão dos atributos mentais e mentaisomáticos, *e.i.*, da genética e da paragenética, ou seja, aproximam-se à expressão dos atributos conscienciais.

Quadro 3. Descrição perceptiva entre *anima* e do *animus* relativa ao prisma cognitivo.

Foco Cognitivo	<i>Anima</i>	<i>Animus</i>
Cultural	Aspectos intangíveis, valores, crenças, ideias, teorias, legislação e normas sociais. Cultura mitológica, Cultura científica consciencial	Aspectos tangíveis, objetos, produtos do trabalho, das artes, da ciência e da tecnologia. Cultura científica mecanicista
Emissor	Símbolos (cognatos)	Sinais (sensações)
Receptor	Sinais (sensações)	Símbolos (cognatos)
Nominativo	A alma, a consciência, o self, intuição, sabedoria.	A Terra e o mercúrio metálico, representações da mais alta de materialidade.
Platônico	As emoções, os sentimentos, o diabo, as paixões	A razão, as ideias, a divindade, o raciocínio
Mental	Motivacional ou emocional	Cognitivo, intelectual ou racional
Primordial	Causa	Consequência
Cronológico	Ser (eterno)	Ente (temporal)
Qualitativo	Subjetividade, espiritualidade	Objetividade, corporeidade
Comportamental	Atitude	Procedimento
Tecnocientífico	Cientificidade	Tecnicidade

Contemporâneo	Inovação, <i>insight</i> , Conectividade	Padronizações, produtividade, organização.
Disciplinar	Psicologia, Metafísica, Parapsicologia, Conscienciologia, Conscienciometria, Consciencioterapia	Biologia, fisiologia e neurologia. Psiquiatria, Fenomenologia, Projeciologia. Parafenomenologia
Dimensional	Dizer: Diz-menção. O significante	Fazer: Real-ação. O estruturante
Paradoxo da posição relativa	Subordinada enquanto causa	Dominadora enquanto consequência

(Fonte: ALVARENGA, 2007; BORGES, 2005; CAMPBELL, 1990; CARNEIRO, 2010; ESTES, 1994; JUNG, 2000; MARCOS, 2011).

Quanto ao fluxo da comunicação de sinais e símbolos, sugiro que os atributos cognitivos da *anima* permitem criar símbolos com mais precisão em novos contextos (elaboração de neologismos, por exemplo) e facilitam a percepção das sutilezas da comunicação não-verbal (sinais fisiológicos). Enquanto que os atributos cognitivos do *animus* dão maior autocontrole na emissão de sinais fisiológicos e na aplicação/internalização de símbolos já conhecidos (adaptação cultural). Por exemplo, homens podem esconder as emoções com mais facilidade e também tem mais habilidades nas áreas exatas do que mulheres, em geral.

A ciência psicologia (Quadro 4) ao utilizar-se dos atributos cognitivos e das ferramentas lógicas racionais para estudar a subjetividade humana, aproxima-se mais da essência do arquétipo feminino do que pelo enfoque cognitivo ou cultural (Quadro 3). Isso, porque o aspecto psicológico da natureza humana é mais complexo e obscuro do que o aspecto cognitivo. Assim, um está para o outro como o ego está para o superego, ou seja, o aspecto cognitivo é consciente e o aspecto psicológico pode ser em grande parte inconsciente.

Tabela 4. Descrição perceptiva da *anima* (alma) e do *animus* (mente), relativo ao prisma psicológico.

Foco Psicológico	<i>Anima</i>	<i>Animus</i>
Psicológico	Inconsciente freudiano, pessoal, biográfico	Inconsciente jungiano, coletivo, biológico
Afetivo	Liberdade psicológica, amor-admiração. Doação.	Escravidão psicológica, amor-temor. Apego.
Psíquico	O que está dentro	O que está fora
Freudiano	Inconsciente	Consciente
Neurológico	O não-eu, o que está fora do eu	O eu, o que está dentro do eu
Perceptivo	Lado feminino do homem; perceber/sentir	Lado masculino da mulher; ver/fazer
Projetivo	Mulheres, o feminino	Homens, o masculino

Personificado	Personalidade supra-ordenada bipolar: positiva/negativa; velha/jovem, virgem/mãe; fada bondosa/bruxa; santa/prostituta, rainha/serva.	Personalidade mediadora entre a percepção e a ação: o que se torna manifestado, um véu que oculta a verdadeira personalidade,
Funcional	Intuitiva, genialidade cosmoética, parapsíquica, interassistencial.	Produtivo, trabalhador, eficiente, equilibrado, harmônico, homeostático, protetor.
Disfuncional	Volúvel, desmedida, caprichosa, descontrolada, emocional, às vezes demoniacamente intuitiva, indelicada, perversa, mentirosa, bruxa e mística.	Rígido, moralista, legalista, dogmático, reformador do mundo, teórico, emaranhando-se em argumentos, polêmico, despótico.

(Fonte: ALVARENGA, 2007; BORGES, 2005; CAMPBELL, 1990; CARNEIRO, 2010; ESTES, 1994; JUNG, 2000; MOORE; GILLETTE, 1993; TEIXEIRA et al, 2014; <http://www.divinaciencia.com/course/s/c/19escravidaopsicologica>).

Assumo a premissa que os arquétipos dizem respeito ao que é percebido da consciência, a partir de sua interação com a matéria biológica orgânica, e não da consciência em si mesma. Devido ao seu aspecto projetivo e integrado com a energia/matéria, o caráter consciencial dos arquétipos descreve somente os aspectos emocionais e energéticos do pensene (Quadro 5). Os pensamentos são a consciência em qualquer contexto, independente da manifestação intrafísica, assim sendo, eles estariam além dos arquétipos.

Quadro 5. Descrição comparativa da *anima* (alma) e do *animus* (mente), relativo ao prisma consciencial.

Foco Consciencial	<i>Anima</i>	<i>Animus</i>
Consciencial	Saber, o ser ciente	Fazer, o ser atuante
Hereditário	Paragenético, Temperamento	Genético, Epigenético, Familiaridade
Residencial	Paracérebro	Cérebro
Focal	Visão panorâmica, multifocal	Visão em única direção, unifocal
Pensênico	O sen do pensene	O ene do pensene
Analógico	Imaginação: poço abismal Matéria: sombra inseparável Sombra: trafar físico A morte morreu Mãe tem pentelhos	Instintos fazem imaginar Sol: primeiro deus Sombras fazem sombras Toda fronteira comprime Gorila, pai venerável
Resultante do conforto com a sombra	Obra-prima	Obra do aprendiz

(Fonte: KNAKIEVICZ, 2015a; TEIXEIRA et al, 2014; VIEIRA, 1996a; 1996b).

A partir desta análise, proponho a hipótese de que os arquétipos são artefatos da intrafísica da consciência, ou seja, são resultantes dos filtros perceptivos do soma biológico, veículo de manifestação da dimensão intrafísica.

Os arquétipos femininos (*anima*) dizem respeito às características da natureza subjetiva humana, *self*, consciência, ego, alma, temperamento e os arquétipos masculinos (*animus*) dizem respeito à natureza objetiva da mente humana, ou seja, tudo que é especificado pelo filtro do cérebro humano e aprendido por meio da cultura. Assim, diz respeito tanto aos instintos, quanto às rotinas, hábitos, habilidades, tradições, técnicas e competências.

Assim, os arquétipos femininos, por hipótese, referem-se à natureza e qualidade do centro de controle emocional e motivacional da pessoa, independente do sexo e do gênero, e teria origem paragenética. Enquanto que os arquétipos masculinos personificam a natureza material objetiva da psique humana, aquilo que é manifestado da vontade, ou seja, a resultante intrafísica dos pensares da consciência. O arquétipo masculino refere-se à natureza operacional, objetiva, concreta, manifesta, orgânica, intrafísica da consciência. O arquétipo masculino representa a natureza e qualidade das atitudes comportamentais, o que é visível, perceptível da pessoa, independente do sexo e do gênero, seria o componente de origem genética e epigenética.

Por meio deste estudo, também, suponho que o ginossoma parece estar mais apto às reflexões e ponderações por meio da energia Yin, enquanto o androssoma por meio da energia Yang, parece estar mais adaptado às ações práticas. Após ações, advém o tempo para refletir; e após reflexões, há consequentemente uma decisão, ou seja, uma ação. A ressonância, em soma feminino ou em soma masculino, poderia estar vinculada às demandas de reflexão ou de ação frente à evolução consciencial? Qual é o papel da estrutura biológica e da matriz cultural na evolução consciencial? Essas questões requerem estudos adicionais para serem esclarecidas.

Em síntese, a *anima*, correlaciona-se ao saber, a ciência, a consciência, a alma e o *self* masculino, *animus*, correlaciona-se ao fazer, a técnica, as atitudes, as tradições, a cultura. Ambos são aspectos complementares de uma mesma consciência, tal como cara e coroa são os dois lados da mesma moeda. Segundo Moisés Bertoni, a origem dos conflitos sociais é devida à natureza dual humana (BUTTURA; NIEMEYER, 2012): uma parte, ávida por mudanças, enquanto a outra parte voltada a padronizações desorienta-se ao lidar com as novidades. Por meio do autoconhecimento a consciência distingue-se dos instintos fisiológicos do soma, e tem liberdade de autodirecionar-se sem a influência dos instintos, contudo, respeitando seus limites e sua estrutura. Se as reflexões desde texto forem válidas, estas poderão vir a contribuir na resolução de conflitos e desequilíbrios quanto à sexualidade biológica, identificação de gênero e papéis femininos e masculinos na sociedade intrafísica atual.

4. ARQUÉTIPOS, PROGRESSO CIENTÍFICO E LIBERTAÇÃO DOS MITOS

“Refletir não, iluminar”
(VIEIRA, 2009)

Paradigma materialista e religiões são interdependentes entre si. Por exemplo, os arquétipos cristãos somente são válidos e funcionais segundo as premissas do paradigma materialista. A crença da inexistência da alma por si mesma é a base da necessidade da força da fé para garantir a sua existência, e da necessidade de um juiz/salvador para minimizar a sensação de urgência e injustiça perante a escassez de oportunidades (morte) frente à exuberância do Cosmos. O problema da escassez torna-se mais agudo com os avanços tecno-científicos, pois estes multiplicam enormemente desejos e necessidades. Portanto, no paradigma materialista, quanto maior o avanço tecnocientífico mais intensos ficam os afetos religiosos.

O paradigma consciencial, construído que integra a espiritualidade como objeto existente no cosmo, é dependente dos conhecimentos científicos. Ele liberta o homem da prisão do credo e da fé para “salvar” sua alma, pois esta existe por si só, e não depende mais da fé para ser salva. Ao admitir que a consciência existe de modo independente da matéria se torna possível estudá-la diretamente. As projeções arquetípicas; os Deuses e Deusas, os mitos passam a serem muletas, peças de museus, ou relíquias fósseis culturais, devido a sua importância inestimável ao processo evolutivo consciencial, e em especial nas autoinvestigações da autodevolução pessoal. E o conhecimento advindo deste estudo pode fornecer os caminhos e nutrientes intelectuais para o amadurecimento e o despertar consciencial.

Há consciências que projetam seus conflitos íntimos à realidade exterior, no palco da vida diuturna, desencadeando mais conflitos em torno de si mesmas, enquanto que outras consciências tem a habilidade de elaborar e processar seus conflitos internamente. O confronto da consciência com sua sombra é uma necessidade terapêutica, tal exercício pode consistir em conflito, psicopatologia ou desencadear um processo de autocura e autopacificação íntima. O conflito pode configurar-se luta, e tal briga perdura até que a consciência adquira habilidades de transformar o fulcro gerador por meio da compreensão do que estava inconsciente (JUNG, 2000), ou por meio da autoaceitação e do heteroperdão. Há diversas técnicas assistenciais de autoequilíbrio emocional e energético disponíveis para amparar o processo de autoenfrentamento de crenças de modo homeostático e seguro: estado vibracional (EV); *Eye Movement Desensitization and Reprocessing* (EMDR); *Emotion Freedom Technique* (EFT); microfisioterapia; psicoterapias; conscienciaterapias (KNAKIEVICZ, 2015b).

A inclusão da alma, da consciência como objeto de estudo científico, tira o homem do paraíso da inocência, onde um todo poderoso (o hábito) o isenta das responsabilidades de suas ações. A apresentação da alma, do *self*, ao palco da vida cotidiana, e das técnicas de estudo da própria consciência de modo direto pelo autopesquisador, representam um novo patamar social, livre de arquétipos, mitos, estereótipos, religiões, rituais e tradicionalismos e centrada na autorresponsabilidade do próprio destino.

5. CONCLUSÕES

Os mitos morrem
(VIEIRA, 1996b, p. 117)

O estudo dos arquétipos, ao contrário dos cultos e adorações, é um processo iconoclasta; pois imagens sagradas, antes fortes, tornam-se frágeis diante do conhecimento e da razão desperta (JUNG 2000). Por meio do acesso à história da civilização e da ciência psicologia, descobre-se que deuses e mitos surgiram das projeções da psique humana. Neste processo compreende-se o que significam, e então, tornam-se muletas desnecessárias, contudo a libertação dos deuses e mitos pode falhar porque a emoção que emerge nesse processo, embaralha a percepção do que é real e do que é imaginação, tal fato acontece por receio da sombra arquetípica, ou seja, do desconhecido.

Admitir a sombra arquetípica, aceitar a obscuridade da própria psique, assumir o inaceitável de si mesmo é um dos primeiros passos de um provável longo e árduo processo psicoterapêutico. A travessia das sombras, do desconhecido de si próprio, se dá por meio de pequenos e contínuos desafios de crenças centradas em egoísmos, infantilidades e comodismos, e amparados pela reflexão, investigação, interassistencialidade, autoaceitação e gratidão.

Este estudo teve um papel esclarecedor, auxiliando-me sobremaneira a acessar emoções e lembranças, aceitar-me tal como sou de modo lógico e racional, sem a proteção de fantasias e imaginações. Colocar em ordem é a função básica da terapia, portanto, a redação deste texto foi um processo autoterapêutico, o qual me auxiliou a compreender a importância do discernimento, da ordem e do equilíbrio entre as essências arquetípicas feminina e masculina.

REFERÊNCIAS

DIVINA CIÊNCIA. A escravidão psicológica. Disponível em: <http://www.divinaciencia.com/course/s/c/19escravidaopsicologica>, Acesso em 14 dez 2016.

ALVARENGA, Galeno Procópio M. O Poder das Emoções. Publicações do Autor. 2007. Disponível em: <<http://www.galenoalvarenga.com.br/publicacoes-livros-online/o-poder-das-emocoes>>. Acesso 04 abr. 2016.

CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton Roberval Eicheberg. Cultrix: São Paulo. 1996.

BENTO, Berenice. A cerveja e o assassinato do feminino. 2007, Folha de São Paulo Online, publicado em 03/01/2007. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0301200709.htm>, acesso em 04 abr. 2016.

BORGES, Maria de Lourdes. Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher? Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 320: 667-676, setembro-dezembro/2005

BRADEN, Gregg. A Matriz Divina: uma jornada através do tempo, do espaço, dos milagres e da fé/The divinematrix :bridging time, space, miracles, andbelief. Tradução Hilton Felício dos Santos. São Paulo: Cultrix, 2008.

BURNHAM, T.; PHELAN, J. A Culpa é da Genética. Tradução de Vera Maria Whately. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. 235 p. Disponível em: <<http://www.orelhadelivro.com.br/livros/4633-38/a-culpa-e-da-genetica/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

BUTTURA, E.; NIEMEYER, A. Moisés Bertoni: Uma vida para a Ciências. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2012. 202 p.

CAMPBELL, Joseph. O poder do mito / Joseph Campbell, com Bill Moyers ; org. por Betty Sue Flowers;tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990

CARNEIRO, Regina Maria Dias. Sociedade e Cultura. Módulo Didático: Cultura e Sociedade Currículo Básico Comum - Sociologia do Ensino Médio. Centro de Referência Virtual do Professor – SEE-MG / setembro 2010. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BAB23A422-7B7F-4F70-B544-F578B73CBEFF%7D_Cultura%20e%20Sociedade.pdf>. acesso em 04 abr. 2016.

CRAIG, I.; HALTON, K. Genetics of human aggressive behaviour. Human Genetic, v. 126, p. 101-113, jun. 2009. Disponível em: <http://www.cienciaviva.pt/projectos/2ways/genetics_of_human.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CROODS. Gênero: Animação; Direção: Chris Sanders, Kirk De Micco; Roteiro: Chris Sanders, Kirk De Micco; Produção: Jane Hartwell, Kristine Belson; Fotografia: Yong Duk Jhun; Trilha Sonora: Alan Silvestri; Duração: 103 min.; Ano: 2013;País: Estados Unidos

DAHLKE, Rüdiger. Qual e a doença do mundo?São Paulo: Cultrix, 2011. 264 p.

DANTE. A Divina Comédia. Tradução de Cordélia Dias de Aguiar. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1989.

DAVIDSON; Ricard J.; EGGLEY Sharon. O estilo Emocional do Cérebro: Como o funcionamento cerebral afeta sua maneira de pensar, sentir e viver. Tradução Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Sextante, 2013. 288 p.

DALGALARRONDO, P. Evolução do Cérebro. Sistema Nervoso, Psicologia e Psicopatologia sob a Perspectiva evolucionista - Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAVIDSON, John. *Energia Sutil*. São Paulo: Pensamento, 1999.

DELORS, Jacques. et al. (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>> Último acesso em: 15 abr. 2015.

DUHIGG, C. *O Poder do Hábito. Por que fazemos o que fazemos na vida e nos Negócios*. Tradução de Rafael Mantovani. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 407 p.

ESTES, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Tradução de Waldéa Barcellos; consultoria da coleção, Alzira M. Cohen. – Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GARCEZ, Neusa Cidade. *Colonização e Imigração em Erechim. A saga de Famílias Polonesas 1900-1950*. Erechim: Neusa Cidade Carcez, 2003. 184p.

HALL, J. *Tratado de Fisiologia Médica* - Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HICKS, Dona. *Dignidade: o Papel que desempenha na Revolução de Conflitos*. Tradução de Fernanda Barrão. Lisboa; Portugal, 2013, 236 p.

JUNG, Carl Gustav. *Mysterium Coniunctionis*. Vol XIV – 1 das obras completas. 7.ed. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2011. In: SILVA Andréa Ventura da. *A Lua Negra: o lado sombrio do Feminino*. Monografia. Faculdades Monteiro Lobato. Porto Alegre, 2014.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KNAKIEVICZ, Tanise. *A estrutura cognitiva do pensamento científico: uma hipótese de estudo*. *Interparadigmas: Revista dos Doutores de Conscienciologia*. Foz do Iguaçu, Ano 3, n. 3, dez. 2015a.

KNAKIEVICZ, Tanise. *Cognitive Structure of Beliefs and Habits: How to Challenge Them?* *Open Access Library Journal*, 2: e2170, dez. 2015b. Disponível em: <<http://www.oalib.com/articles/3153601#.Vp5lsOgrLcc>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

KNAKIEVICZ, Tanise. *Empatia, Percepção e Inteligência*. *Interparadigmas: Revista dos Doutores de Conscienciologia*. Foz do Iguaçu, Ano 2, n. 2, p. 83-101, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.interparadigmas.org.br/wp-content/uploads/2015/06/Interparadigmas-E-PT.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

KIRWAN, Michael. *Teoria mimética. Conceitos fundamentais*. Coordenação João Cezar de Castro Rocha; tradução Ana Lúcia Correia da Costa. São Paulo. É realizações, 2015. 264 p.

LOPES, Adriana. *Senso de Dignidade Cosmoética*. In VIEIRA, W. *Enciclopédia da Conscienciologiaonline*, Foz do Iguaçu, PR, 2015. Disponível em: <http://www.tertuliaconscienciologia.org/index.php?option=com_docman&Itemid=13> Acesso em: 17 abr. 2015.

LUSKIN, F.; PELLETIER, K. R. *Acabe de Vez com o Estresse: 10 Habilidades Naturais Cientificamente Comprovadas para a Saúde e a Felicidade*. Tradução de Maria Cristina Araújo. São Paulo: Francis, 2008. 183 p.

MOORE, Robert e GILLETTE, David. *Rei Guerreiro Mago Amante. A redescoberta dos arquétipos do masculino*. Editora Campus, 1993.

RAMACHANDRAN, V.S. *O que o Cérebro tem para Contar: Desvendando os mistérios da natureza humana*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 434 p.

REVONSUO, A. *Consciousness: thescienceofsubjectivity*. New Yor: Psychology Press, 2010. 324 p.

SHELDRAKE, R. *Ciência sem Dogmas. A Nova Revolução Científica e o Fim do Paradigma Materialista*. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiro. São Paulo: Cultrix, 2014. 400 p.

SILVA, Aline Melo da. Os arquétipos femininos da mitologia grega e romana na dramaturgia. Revista online, Painele Acadêmico. Disponível em: <http://www.machadosobrinho.com.br/revista_online/publicacao/resenhas/PainelAcademico01REMS8.pdf>. acesso 04 abr. 2016.

SILVA Andréa Ventura da. *A Lua Negra: o lado sombrio do Feminino*. Monografia. Faculdade de Monteiro Lobato. Porto Alegre, 2014.

TEIXEIRA, Fábio L. S.; FREITAS, Clara M. S. M. de; CAMINHA, Iraquitan de O. A beleza feminina como poder: Desvendando outros sentidos para a construção estética de si. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis*, v. 36, n. 2, p. 485-500, abril/junho 2014.

VIEIRA, W. *700 Experimentos da Conscienciologia*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia, 1994.

VIEIRA, W. *O Que É A Conscienciologia? Foz do Iguaçu: Editares*, 2012.

VIEIRA, Waldo. *A Natureza Ensina*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia, 1996. 164 p.

VIEIRA, Waldo. *Dicionário de Neologismos da Conscienciologia*. Lourdes Pinheiro (Org.). Foz do Iguaçu: Editares, 2014. 1072 p.

VIEIRA, Waldo. *Máximas da Conscienciologia*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia, 1996. 164 p.